



A construção de um novo pensamento a partir da Economia Solidária no desenvolvimento da comunidade do Timbó - PB.

Área Temática: Relato de experiências, metodologia e extensão

Gianna G. P. M. Farias

Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus de João Pessoa-PB – gianna_farias@hotmail.com

Resumo

Diante de toda a exploração da forma capitalista de produção da sociedade, o trabalho com a Economia Solidária busca outras formas de relações sociais, com ideal de igualdade em benefício da coletividade, sendo esta voltada para a valorização do ser humano. Este artigo é o resultado de um trabalho realizado em várias comunidades da grande João Pessoa – PB pela Incubadora de Empreendimentos Solidários – INCUBES/UFPB. Toma-se como objeto de estudo a forma de atuação da incubadora no desenvolvimento da comunidade do Timbó, descrevendo como se fundamenta a metodologia de incubação, e a metodologia do desenho urbano, sendo a última criada para fornecer as informações necessárias para a elaboração do projeto de requalificação urbana pensado para o local, que dará uma nova identidade a essa área tão carente de desenvolvimento. Através da análise das formas de atuação do projeto de extensão, é possível investigar que o trabalho com uma economia mais solidária é possível e essencial, mas para isso é preciso enfrentar muitos desafios, sendo preciso criar uma metodologia própria para se ajustar ao dinâmico movimento de qualquer comunidade.

Palavras-chave: Eneds; Economia Solidária; Autogestão; Incubes.

1 Introdução

O presente artigo discute a temática da Economia Solidária abordando o trabalho do projeto de extensão realizado com empreendimentos solidários pautados na autogestão, no desenvolvimento de novas relações sociais em substituição à hierarquia e individualismo presentes em empresas tipicamente capitalistas. A par disso, o estudo busca apresentar uma contribuição sobre o processo de incubação territorial seguido pela incubadora, trabalhando também com uma nova metodologia aplicada para o desenvolvimento desses empreendimentos, mais precisamente a Comunidade do Timbó. De forma a contribuir para ampliar o conhecimento sobre a temática, esse trabalho recupera a construção da metodologia e todas as fases de evolução das atividades desenvolvidas na comunidade, sendo compreendida a importância do debate sobre a temática do desenvolvimento de empreendimentos a partir de uma economia muito mais solidária, abrangendo também os desafios do trabalho e as diretrizes traçadas na elaboração das estratégias para a obtenção do crescimento desses empreendimentos.

De início, o estudo apresenta uma abordagem sobre a Economia Solidária, como ela se fundamenta em oposição à exploração do trabalhador, discutindo também o contraste com as



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

relações capitalistas e abordando o trabalho com a autogestão com seu caráter coletivo de propriedade. Em seguida é abordado o trabalho realizado pela incubadora nos empreendimentos solidários e os seus territórios de atuação, destacando as ações realizadas na comunidade tema do nosso estudo, discutindo desde a formação da área, as atividades que estão sendo desenvolvidas pelo grupo produtivo presente no local, descrevendo também as dificuldades enfrentadas para o crescimento do empreendimento, e os obstáculos no processo de incubação. O trabalho toma como foco a discussão da metodologia do estudo aplicada pela incubadora na localidade do Timbó, ou seja, metodologias de incubação e de análise do desenho urbano, já que o território atualmente passa por um estudo esquematizado que objetiva servir como fundamento na elaboração da proposta para uma futura requalificação urbana. Além de todo o exposto, o artigo também descreve os resultados já obtidos, e os esperados para contribuir no desenvolvimento do empreendimento de Economia Solidária, como também de forma territorial, indo além do fator econômico, ampliando os valores culturais, sociais e políticos, e voltando-se para a melhoria da qualidade de vida dos moradores.

2 Outra economia, uma bem mais solidária

Sempre em contraste com as relações capitalistas que moldam a sociedade, a Economia Solidária parte do pressuposto de outra forma de valorização, não pautada no capital, mas sim na valorização do ser humano, transcendendo as dimensões econômicas e atuando nas relações de colaboração solidária, visando garantir o bem-viver de todas as pessoas a partir da construção de sociedades pós-capitalistas. Nessa medida, representando uma relação de luta do coletivo e pela constituição de outro modo de produção para além do capital, a Economia Solidária busca um caráter coletivo da propriedade, ou seja, dando autonomia e igualdade entre seus membros, com uma maior participação dos trabalhadores na gestão do negócio e na riqueza que é produzida.

É certo que um ponto fundamental que define a Economia Solidária é a autogestão, esta elimina a separação entre dirigentes e dirigidos, sendo rompidas as tradicionais estruturas hierárquicas. Daí que se pressupõe, com a autogestão, a substituição do individualismo por novas relações sociais, estas coletivas e fundamentadas na solidariedade e união de classes. Uma sociedade autogerida, isto é, que dirige a si mesma, representa outro conceito, onde todas as decisões são tomadas pela coletividade. Torna-se importante, para isso, o fortalecimento da identidade coletiva dos grupos, fazendo com que todos se sintam peças fundamentais no processo de produção e da própria gestão. É a partir do processo de auto-organização que os membros identificam os interesses em comum, para assim buscarem o crescimento do empreendimento para o benefício de todos. Como abordado por Mance, ao mencionar o trabalho das redes solidárias, trata-se do estabelecimento de relações de novo tipo:

Politicamente, as redes de colaboração solidária defendem a gestão democrática do poder, buscando garantir a todas as pessoas iguais condições de participar e decidir não apenas sobre as atividades de produção e consumo praticadas nas redes, mas também, nas demais esferas políticas da sociedade, visando combater toda forma de exploração de trabalhadores, expropriação de consumidores e dominação política ou cultural, enfatizando o valor da cidadania ativa na busca do bem comum e cooperação entre os povos. (MANCCE, 2006).



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

A partir da nova forma de produção e trabalho pautada pela Economia Solidária, e através da autogestão, é identificada uma maior motivação e engajamento de todos os participantes do processo, isso devido à divisão dos benefícios ser igual para todos os associados. Sendo assim, espera-se maior interesse em obter o sucesso do empreendimento, desde a estimulação para obter um maior rendimento e empenho da equipe no processo de produção, aprimorando as técnicas e melhorando a qualidade dos produtos e serviços. Isso já é esperado quando passamos a entender que, pelo trabalho justo e pela extinção das formas de exploração, são possíveis outras formas de trabalho e desempenho dos associados quando estes estão diretamente inseridos no processo de produção e na participação das sobras econômicas das atividades. Gaiger reforça a ideia da autogestão e a atuação do trabalhador no processo:

A autogestão e a cooperação são acompanhadas por uma reconciliação entre o trabalhador e as forças produtivas que ele detém e utiliza. Não sendo mais um elemento descartável e não estando mais separado do produto do seu trabalho, agora sob seu domínio, o trabalhador recupera as condições necessárias, mesmo se não suficientes, para uma experiência integral de vida laboral e ascende a um novo patamar de satisfação, de atendimento a aspirações não apenas materiais ou monetárias. (GAIGER, 2003)

De outra face, a autogestão como princípio orientador, sendo esta pensada como poder de decisão do grupo e não do indivíduo, defronta com outra questão, mesmo não praticando a hierarquia de poder nos grupos, muitas vezes dentro dos próprios empreendimentos solidários, desenvolvem outro tipo de hierarquia, podendo ser esta a partir da capacidade de expressão dos associados, relação de gênero, diferença de idade, escolaridade, e raça. A par disso, esses fatores distanciam as pessoas e criam diferenciações dentro do grupo, minando a habilidade administrativa dos grupos, que passam, aos poucos, a perder a dinâmica e a capacidade de auto-dirigir.

Utopia ou realidade? O trabalho com a Economia Solidária enfrenta inúmeros obstáculos, já que representa outro pensamento e uma forma de oposição ao que se é vivenciado atualmente com a forma capitalista de produção. Ou seja, desde as rudes regras fixadas na sociedade onde o bem mais importante é o capital, não é fácil propor outra forma de produção e quebrar tão facilmente os modelos praticados em qualquer parte do mundo, sendo muitos os desafios a serem enfrentados. Dentre as muitas dificuldades, há uma fragilidade para enfrentar às forças atrativas e dominadoras do capital, pois, como agentes do processo de produção, o trabalho é realizado por pessoas, estas com aspirações variadas.

Quando os interesses capitalistas entram em cena e começam a quebrar com toda a ideologia antes pautada na solidariedade e igualdade, as coisas começam a se modificar, e isso vai somando-se aos outros desafios para o desenvolvimento das experiências autogestionárias, como, por exemplo, a inadequação tecnológica, o isolamento econômico implicando relações com o mercado, as imposições legais determinadas pelo Estado que buscam enquadrar as experiências dentro das normas jurídicas capitalistas, entre outros.

Convém ressaltar que, além dos inúmeros obstáculos enfrentados ao se trabalhar com a Economia Solidária e seus princípios, também é facilmente percebido que, nos empreendimentos autogestionários, há uma grande dificuldade ao se tratar dos aspectos administrativos, pois a maior parte dos associados não apresenta conhecimentos nessa área, por não compreenderem balanços contábeis e algumas técnicas administrativas, realizando assim o controle das informações acerca da produção ou do serviço de forma rudimentar.



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

Para a instauração de autogoverno dos produtores são necessárias algumas mudanças no funcionamento das empresas, englobando ações desde a modificação da estrutura de trabalhadores, incentivando para que os mesmos possam estar conhecendo diversos setores da produção, como também a diminuição da carga horária de trabalho. Quando isso não ocorre são quebradas as ideias iniciais sobre a autogestão, pautada na solidariedade e para o benefício de todos, dando lugar às práticas e critérios pautados na produtividade capitalista e dando margem a outros tipos de exploração para a obtenção de meios de “sobrevivência” no mercado, morrendo assim com a cooperativa de produção. Nas palavras de João Bernardo.

O que acontece, os trabalhadores permanecem em inferioridade relativamente ao mercado mundial e são por ele sufocados, ou os trabalhadores se sujeitam aos critérios da produtividade capitalista, e neste caso têm de reintroduzir a disciplina patronal na fábrica, as hierarquias, etc. (BERNARDO, 1986)

3 Trabalhando com empreendimentos solidários

Criada como um Programa de Extensão, a INCUBES (Incubadora de Empreendimentos Solidários) iniciou suas atividades a partir do ano 2001, primeiramente utilizando o nome INCOAP. Nesse período, iniciou um trabalho de formação sobre o tema da Economia Solidária, desenvolvimento local, autogestão, entre outros. Por representar um projeto multidisciplinar, a incubadora apresenta uma equipe técnica composta por professores, técnicos e estudantes de graduação e mestrado de diversos cursos da Universidade Federal da Paraíba. É fundamental essa diversidade de áreas de conhecimento devido às diversas necessidades apresentadas nas comunidades acompanhadas pelo projeto, dessa forma é possível abranger ainda mais a forma de atuação da incubadora nesses territórios.

Em um primeiro momento, as ações da extensão eram voltadas para empreendimentos isolados, fazendo a assessoria dos grupos de produção solidária em diversos setores, como: artesanato, panificação, serigrafia, reciclagem de sólidos, confecção, serviços, entre outros. Mais recentemente foi adotada outra metodologia de incubação, com ações que buscam o desenvolvimento territorial nas comunidades em que estão inseridos os empreendimentos econômicos solidários, levando em consideração que o entorno é igualmente importante, não só apenas o empreendimento acompanhado. Modificar a forma de atuação das incubadoras nas comunidades, abrangendo as atividades com acompanhamento territorial, é uma discussão bastante recente, sendo muitas vezes este assunto tomado como tema de vários encontros entre incubadoras de todo o país. Atualmente a INCUBES trabalha no acompanhamento de cinco territórios, que são: São Rafael, Timbó, São José, Gervásio Maia e Comunidade Quilombola do Gurugí/Ipiranga, todos localizados na grande João Pessoa - PB.

Fazendo um panorama geral das ações realizadas neste período em todos os territórios já citados, temos que, na comunidade São Rafael, além do acompanhamento do grupo produtivo de panificação, também o processo de implantação de um banco comunitário, cujo objetivo é o desenvolvimento local através da circulação da moeda social apenas dentro da comunidade, pois o consumo solidário estimulará os moradores a preferirem comprar nos empreendimentos locais, do que em áreas vizinhas, gerando muito mais desenvolvimento para a população local. Este será mais um dos inúmeros bancos comunitários implantados em todo o país, tendo sua importância por representar uma ferramenta de desenvolvimento para as comunidades.

Outro território de atuação da incubadora, inclusive tema do nosso estudo, a comunidade do Timbó, apresenta um grupo produtivo que trabalha com a produção de materiais de limpeza



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

(detergente, desinfetante, água sanitária e amaciante), além do grupo de dança. O foco inicial da INCUBES na comunidade é fazer o acompanhamento das atividades no grupo produtivo, englobando ações de melhorias dos produtos e das embalagens, como também na mudança da forma de transporte utilizado para a distribuição desses produtos. Há também a pretensão de reativar a rádio comunitária, e futuramente implantação de um banco comunitário. O objetivo é que o local represente uma concentração de diversas atividades, e que seja de grande aceitação da comunidade como um ponto de disseminação de informação e cultura, geração de renda pautada numa nova economia, como também um colaborador no desenvolvimento do território.

Sobre a comunidade São José, outro território de atuação da extensão, que passa por grandes discussões acerca do projeto de requalificação urbana para o bairro. Este projeto proposto pela Prefeitura da cidade, vem levantando muita polêmica, devido aos inúmeros questionamentos da comunidade, principalmente devido à falta de interação da população na elaboração do projeto, havendo o receio, por parte dos moradores, de perderem o direito de morar na área escolhida, como também o rompimento dos arranjos sociais e econômicos já concretizados, como também os elos de vizinhança construídos. Atualmente, está sendo elaborada uma nova proposta seguindo agora novas diretrizes, e que em breve estará sendo apresentada. Por todo o exposto, a atuação da incubadora no local passa a ser ainda mais cautelosa, pois para a área é pensada a implantação de um banco comunitário, porém para isso é fundamental haver muita interação da comunidade com a causa, para que assim não venha a fracassar e perder a credibilidade do projeto por parte dos moradores.

Já no Gervásio Maia, está sendo discutido o projeto de cooperativa através da implantação da usina de coco pela Prefeitura municipal, sugerindo a produção do óleo da fibra do coco como também a utilização da própria quenga para a confecção de artesanato, e neste trabalho a incubadora participará na formação e gestão da cooperativa, pensando também em mecanismos de comercialização. E por fim as atividades desenvolvidas no Gurugí/Ipiranga, estas pautadas no etnodesenvolvimento e na agricultura urbana, com projeto aprovado pela Secretaria de Desenvolvimento Humano para a implantação de 22 grupos, ficando a cargo do estado a parte mais técnica, e para a incubadora, a formação e organização dos grupos, reconhecendo as suas potencialidades e tornando-os empreendimentos.

4 Um território a se desenvolver

Para se conhecer as atividades de incubação realizadas dentro do nosso território de estudo, se faz necessário primeiramente compreender como se deu a formação da Comunidade do Timbó, apreendendo desde as principais dificuldades como também as potencialidades da área, para finalmente serem estudadas as atividades acompanhadas pela incubadora.

A comunidade é localizada no bairro dos Bancários (próximo à UFPB) e caracteriza-se como um espaço subnormal devido à carência de infraestrutura, mas também por abrigar uma população pobre, tendo a maioria dos moradores possuindo apenas o ensino fundamental e uma renda salarial baixa que precisa sustentar muitos membros de uma família, uma média de 4,3 moradores por domicílio. A ocupação do espaço se deu de forma irregular, já que a região se tornou bastante acidentada devido à escavação e retirada de barro para ser utilizado como aterro na construção de avenidas da cidade durante a década de 50. A partir desse espaço formado da retirada do barro é que o local passou a ser habitado, anos depois, por famílias que inicialmente situaram-se nas margens do Rio Timbó. Este rio era muito valorizado por ser fonte de alimento e também por ser aproveitada a água necessária para o uso doméstico e



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

irrigar as plantações próximas às casas. Porém seguindo a situação de muitos rios do país em áreas urbanas, atualmente esse rio está muito poluído e é considerado inapropriado para uso doméstico.

No presente caso, ao nos referirmos sobre os problemas enfrentados pela comunidade, é a falta de infraestrutura do lugar o problema mais citado entre os moradores. Praticamente não existem saneamento e calçamento em quase toda a parte, comprometendo a saúde da população e favorecendo o grande índice de verminoses. Além disso, se torna difícil o acesso de caminhões de lixo para fazerem a coleta, como também a privação de outros serviços se torna frequente. Por estar localizada em uma área ambientalmente frágil, a comunidade passa por muitas dificuldades com as encostas em épocas de chuva, com o risco de deslizamento de encostas e soterramento de habitações. Verifica-se que, devido às condições inadequadas de moradia, é recorrente inúmeras famílias terem suas residências totalmente alagadas nos períodos de chuva. Para minimizar esse problema, a prefeitura está construindo cerca de 100 casas populares para as famílias residentes na área de risco, devendo também ser planejada uma forma de ocupação para essas áreas desocupadas após a remoção dessas famílias, para que outras famílias não venham se instalar no mesmo local e passem pelos mesmos riscos. O arquiteto Marco Suassuna explica como se dá a formação dos assentamentos espontâneos e os efeitos da expansão desordenada.

Esses assentamentos, cujos moradores não possuem conhecimento técnico e muito menos ambiental, são responsáveis ainda pela contaminação dos recursos hídricos devido ao lançamento de lixo e esgotos nos rios, que, por sua vez, contribuem para se alastrarem os casos de doenças veiculadas à água poluída, pelo agravamento de assoreamento dos cursos d'água, decorrentes de desmatamentos das matas ciliares, e por desmoronamentos com mortes pela implantação dos barracos nas encostas em áreas de risco. Em período de fortes chuvas, vêm a tona os efeitos de uma expansão urbana desordenada e caótica. (SUASSUNA, 2006)

Muitas vezes os moradores até têm o conhecimento sobre a questão ambiental, dos efeitos do lançamento de lixo em áreas inapropriadas, por não terem uma infraestrutura apropriada no local e nem maneiras adequadas para o recolhimento desses materiais, assim não sobra outra alternativa, a não ser utilizar dos meios que eles têm. Por outro lado, mesmo com tantas dificuldades enfrentadas, a comunidade do Timbó apresenta um grande potencial e vontade de se desenvolver. São muitas as iniciativas existentes na área, sem contar com as possibilidades de realização de muitas outras. Observa-se, por exemplo, que um grande número de moradoras é voltado à lavagem de roupa, já tornando conhecida a comunidade por este serviço prestado aos moradores de diversos bairros. Há também a produção de doces, estes são produzidos pelas mulheres e vendidos por homens, que adotam como destino o centro da cidade para realizarem durante o dia o escoamento da produção.

Dentro de todo o contexto, a INCUBES iniciou suas atividades na comunidade a partir do acompanhamento do grupo produtivo de material de limpeza, e da dança, ambos existentes no local, o primeiro pautado na Economia Solidária e tendo como produção os materiais de limpeza “Tok Limpo” (detergente, desinfetante, água sanitária e amaciante). Seu início se deu logo após um período de formação sobre o trabalho com a Economia Solidária, quando os jovens passaram a receber todas as orientações necessárias para a produção, e todo esse processo de formação do grupo se deu a partir da ONG Amazona em parceria com a Prefeitura. A sede onde são realizadas essas atividades foi obtida a partir de uma parceria com o Rotary Club Bancários, que cedeu o imóvel por um período de cinco anos através do termo



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

de concordata. Porém para o cumprimento do acordo, deve haver sempre a realização de atividades na localidade, portanto internamente sempre está sendo incentivada a participação de novos membros no grupo, como também a permanência dos atuais associados. Para a produção dos materiais de limpeza, o grupo se reúne durante dois turnos durante a semana, um para confecção, e o outro para a distribuição dos produtos nos pontos de venda.

Uma das grandes dificuldades do grupo produtivo está na falta de remuneração do trabalho para os associados, ou seja, alguns jovens da comunidade, isso devido às vendas apenas cobrirem os gastos, e servirem como meios de compra da matéria-prima necessária para dar continuidade à produção. E por não haver uma remuneração, são muitos os que desistem de participar, sendo a maioria influenciada pelos pais, que alegam exploração do trabalho, incentivando que os filhos deixem de participar do grupo. A produção ainda é muito pequena, já que não são todos os estabelecimentos comerciais que recebem os produtos Tok Limpo por não cumprimento de todas as exigências necessárias no produto, como às imposições legais, e também a apresentação das informações sobre a composição química nos rótulos.

Como se nota, a demanda de vendas ainda é muito baixa, as condições do grupo de sobrevivência entram mais em jogo do que os benefícios financeiros da produção. Embora ainda não se verifique uma retribuição financeira para os associados do grupo produtivo, como qualquer outro empreendimento econômico, há a necessidade de valorizar e remunerar o trabalho realizado. A Economia Solidária não emprega a mesma denominação utilizada em empresas capitalistas, as quais utilizam de conceitos de salários e de lucro, e nos empreendimentos solidários não existem os salários, mas sim retiradas, estas definidas em assembléia. E diferentemente do lucro do capitalismo, nos empreendimentos que trabalham a solidariedade, ele ganha outra denominação, sobra, esta devendo ser dividida igualmente entre todos os associados.

Do mesmo modo, não existem salários, mas sim retiradas, cuja proporcionalidade é definida em assembléia por todos os membros do empreendimento, possuindo uma variabilidade entre a menor e a maior retirada muito menor do que nas empresas capitalistas. Além disso, o que nas empresas capitalistas é denominado “lucro” e pertence unicamente ao(s) proprietário(s), nos empreendimentos solidários é chamado de “sobras”, que são em parte divididas igualmente entre todos os associados e em parte depositadas em um fundo indivisível que visa à manutenção do empreendimento. Esses mecanismos visam à igualdade e à desalienação do trabalhador, a partir do momento em que ele não tem somente o direito de participar do empreendimento em todos os âmbitos, mas também responsabilidade direta sobre os seus próprios ganhos, através dos lucros e prejuízos da empresa que também é sua. (SINGER, 2008)

Em síntese, além da falta de remuneração, também são encontradas outras necessidades e dificuldades para o desenvolvimento das atividades no local, como por exemplo, a estrutura física da sede, já que o mesmo local onde ocorre a dança também é utilizado para a produção dos materiais de limpeza, exigindo sempre muita locomoção e improviso em cada produção, não existindo um espaço adequado com mobiliários e equipamentos apropriados para cada atividade. Outro ponto de discussão é acerca das embalagens dos produtos, sendo ainda utilizadas garrafas pets recicladas, estas negociadas com os catadores da vizinhança, cuja compra é negociada muitas vezes a partir da troca por produtos de limpeza, fazendo-se necessária a utilização de uma embalagem adequada para esses produtos. Não são poucas as dificuldades enfrentadas, desde a parte da logística do produto, e do número de pontos de vendas, são também necessários investimentos para melhorar a facilidade de entrega dos



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

produtos, isso porque os produtos são distribuídos através do auxílio de carro-de-mão, ficando bastante complicada a distribuição devido à existência de diversas ladeiras na comunidade.

5 Objetivo

Por todo o exposto, o projeto se volta ao desenvolvimento em cada território de trabalho de incubação, potencializando as atividades e mostrando a possibilidade de outra forma de trabalho através da Economia Solidária, melhorando não só as atividades já realizadas, como também introduzindo outras ações que venham a contribuir ainda mais para esse desenvolvimento. Apresenta-se como principal objetivo deste trabalho, explanar como se fundamenta a intervenção da incubadora no contexto relatado, discutindo a metodologia aplicada de incubação e de estudo do desenho urbano, que será detalhada posteriormente, evidenciando as dificuldades no processo de incubação e de crescimento do empreendimento solidário, e como se dá a participação e envolvimento dos moradores no processo. Assim, espera-se que este estudo possa trazer contribuições para outros trabalhos que seguem esta linha de pesquisa com atuação em diversas comunidades.

Enfim, no território de estudo, a comunidade do Timbó, o maior objetivo é transformar a sede do grupo produtivo em um ponto de dinamismo de atividades da comunidade, reunindo diversas ações, desde a produção dos materiais de limpeza, pautada nos princípios da Economia Solidária, como também o grupo de dança, o funcionamento da rádio comunitária, e o banco comunitário, além das ações voltadas para a requalificação urbana do local.

Para o grupo produtivo de materiais de limpeza, as metas são várias: desde melhorias nos produtos, incluindo a formulação como também as embalagens; ampliar os pontos de vendas; fazer melhorias no aspecto físico do local, através de uma melhor disposição do mobiliário e dos equipamentos, entre outros. Por isso a incubadora tem como objetivo a potencialização desse grupo, para que, com as melhorias dos produtos e nas embalagens, possa aumentar a produção e possibilitar a realização de alguma remuneração para todos os associados. Já para a dança, a intenção é aumentar o número de participantes, pois atualmente são apenas cinco jovens os que participam das atividades e, para isso, é necessária uma formação de dança realizada por um instrutor especializado, que além de motivar os integrantes, também atrairá outros jovens para partipar do grupo.

Enfim, para a rádio comunitária atualmente desativada, é destinada uma área na nova configuração da sede para a reativação da mesma, melhorando também as condições de funcionamento; e por fim uma formação e mobilização para a implantação do banco comunitário, seguindo exemplos bem sucedidos em outras comunidades do país, como o caso do Banco Palmas - CE, evidenciando as mudanças obtidas na área após a implantação do banco e da circulação da moeda social.

Além das ações focadas nas atividades da sede, também é objetivo da incubadora desenvolver um projeto requalificação urbana para a comunidade, com ações voltadas para melhorias na qualidade física da área, devendo haver as parcerias com órgãos e instituições para contribuir na concretização de todas as etapas do projeto, também contando com a contribuição da população, através dos mutirões autogeridos.

6 Metodologia

Nesta parte é explanada como se dá a metodologia de incubação adotada pela INCUBES, mais precisamente na comunidade tema do nosso estudo, descrevendo a atuação da



9º

ENEDS |

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

incubadora e os obstáculos no processo, por fim, segue a metodologia de estudo do desenho urbano, e através das várias análises, será possível compreender como um estudo preliminar será importante para em seguida dar início à elaboração da proposta de requalificação urbana para a área.

A metodologia de incubação, após sofrer uma mudança de acompanhamento de empreendimento isolado, e passar para uma atuação territorial, necessitou de um maior planejamento, pois cada território apresenta suas atividades, necessidades, empreendimentos, agenda e demanda de resultados. Por isso a incubadora passou por um momento de formação interna e de conhecimento de todos os territórios por parte da equipe, para que cada um pudesse estar escolhendo especificamente um território de acompanhamento. Portanto, foram formados cinco grupos, sendo um para cada território, porém através das reuniões semanais realizadas na incubadora, os grupos discutem as experiências de cada comunidade e as atividades que estão sendo desempenhadas para que todos estejam acompanhando o processo. Foi discutida que a rotatividade de pessoas acompanhando o mesmo território não ajudaria a criar um sentimento de identidade por parte dos moradores/empreendimentos, não excluindo a participação de outros membros da incubadora quando for necessário, mas que houvesse um grupo específico mais engajado com o processo.

No acompanhamento das ações na comunidade do Timbó, estão envolvidos estudantes de diversas formações, cada um dando a contribuição de acordo com sua área de conhecimento, aplicando métodos e associando-os com o plano pensado para o território. Do grupo participa um estudante de química, dando orientações sobre a produção dos materiais de limpeza; de arquitetura, associado à etapa de reforma e ampliação, como também no estudo para requalificação da comunidade; da contabilidade, voltado para um controle dessa produção e elaboração de mecanismos gerenciais; da pedagogia, fundamentado na educação popular; e da gestão pública, especialmente na articulação de políticas públicas no território. Desta forma, são realizadas atividades de formação, assessoria técnica e acompanhamento ao empreendimento econômico solidário, para que este alcance patamar de sustentabilidade e viabilidade econômica, autonomia e segurança, favorecendo a emancipação econômica, social, política e cultural dos sujeitos envolvidos. A partir daí se fundamenta o papel da incubadora nesse processo, para servir de ponte para o desenvolvimento do empreendimento.

Para as atividades de incubação no território do Timbó, distinguem-se três momentos com diferentes metodologias de intervenção na comunidade. O primeiro momento foi voltado para atividades de formação sobre a Economia Solidária e os seus princípios, como também foi realizado o acompanhamento ao grupo produtivo, onde o mesmo passou a fazer um controle da produção através da elaboração de mecanismos gerenciais, isso devido o auxílio de um estudante de contabilidade (bolsista da INCUBES) que disponibilizou planilhas de fácil compreensão para que o grupo pudesse iniciar um estudo de levantamento de tudo o que estava sendo produzido e os custos que se faziam necessários para a produção. Em um segundo momento, tendo as ações iniciadas a partir do mês de março do ano corrente, foi elaborado um plano de ação contendo cinco etapas para o desenvolvimento do grupo produtivo e de outras atividades realizadas no local; sendo elas: 1ª Comprar o imóvel; 2ª Reformar e Ampliar o espaço físico; 3ª Potencializar os produtos de limpeza, desde a embalagem até a nova forma de distribuição dos produtos no mercado; 4ª Potencializar o grupo da dança popular, e reativar a rádio comunitária; 5ª Iniciar uma discussão com os atores



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

do território, sobre a replicação da metodologia de implantação de um banco comunitário de desenvolvimento.

Após um tempo de discussão e mobilização para as atividades necessárias da 1ª etapa, ou seja, a compra da casa, foi visto que primeiramente seria preciso ter o grupo fortalecido, apresentando melhores condições de produção, maior número de associados e de vendas, como também um melhor produto, para só posteriormente voltar à discussão sobre a compra da sede. A partir de então, foram iniciadas ações para potencializar os produtos de limpeza e aumentar o número de associados, permanecendo também com a parceria dos Rotarianos com a concessão de uso da casa. Dessa forma, as etapas do plano de ação tiveram que ser ajustadas, sendo agora a primeira etapa a potencialização do grupo produtivo, com melhorias na composição do produto, nas condições de produção no local, como também na aquisição de uma embalagem apropriada para esses produtos.

Associado com as melhorias do grupo produtivo, também está sendo articulado um instrutor de dança para fazer uma formação com os jovens, que além de incentivar as pessoas que já participam do grupo, também estará atraindo mais jovens para a atividade. Só depois dessas ações iniciais do plano de ação serem alcançadas, é que seguirão as etapas seguintes, de reativação da rádio comunitária, compra da casa, reforma e ampliação das condições físicas do local, e por fim a implantação do banco comunitário.

O processo de incubação se depara com muitos obstáculos, tanto por parte da aplicação da metodologia, enfrentamento com os ideais capitalistas, muitas vezes a falta de engajamento do grupo, dificuldade de encontros para formação; e, além disso, se defronta com muitas fragilidades no empreendimento acompanhado de produção dos materiais de limpeza, que possui inúmeras carências de investimentos, dificuldade de participação no mercado, padrão de embalagem inadequado, complicações com a legalização, a resistência de muitos lojistas de aceitarem os produtos, falta de remuneração aos associados, e dificuldade em obter financiamento para compra de materiais e equipamentos. As pequenas sobras fazem do empreendimento uma luta constante, além da falta de empolgação de alguns membros, não acreditando no projeto, associando sua participação no grupo como uma forma de diminuir a sua ociosidade. Por se aproximar bastante do valor de um produto fabricado por grandes empresas, são poucos os clientes/moradores que preferem comprar um produto fabricado na própria comunidade, não incentivando o crescimento do empreendimento, e dando preferência as marcas mais conhecidas, que apresentam um produto de qualidade superior e melhor estética, sendo isso o fator primordial para definição da compra por parte da grande maioria.

Mesmo trabalhando com territórios, na comunidade do Timbó ainda estava sendo realizado um acompanhamento pontual, apenas no empreendimento solidário, assim foi lançada uma proposta de se trabalhar com medidas de melhorias em toda a área, já que dos cinco territórios de atuação, a comunidade apresentava as condições mais precárias e carentes de desenvolvimento em relação aos demais, representando assim, o terceiro momento de ação da INCUBES na localidade. Foi a partir desse novo pensamento, ou seja, dessa nova linha de atuação da incubadora com o trabalho de requalificação urbana, buscando assim um desenvolvimento em uma escala muito maior, que se desenvolve uma nova metodologia, sendo esta do estudo do desenho urbano. É certo que a incubadora passa a ampliar o leque de atuação no território, estudando maneiras de atuar com melhorias não apenas físicas no local,



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

mas poder proporcionar um novo olhar do morador no ambiente em que vive, levando mais qualidade de vida, opções de lazer, e uma maior satisfação no ambiente onde vive.

Apesar de muitas carências já serem visivelmente compreendidas, se fez necessário antes de elaborar uma proposta de requalificação para a área, realizar um estudo para conhecer como os moradores identificam as maiores necessidades, como também as potencialidades da comunidade. A ideia é associar esse olhar do usuário, que convive diariamente com as dificuldades, associando a um olhar mais técnico de profissionais da área da arquitetura e da engenharia, poder elaborar um projeto condizente à realidade do local, correspondendo às expectativas da população.

Paralelamente às ações de acompanhamento do grupo produtivo, o estudo se caracterizará de forma esquematizada, ou seja, através das análises do desenho urbano, será possível apreender melhor com se dá a configuração do espaço e as dinâmicas do lugar, e a partir dos resultados que serão obtidos, associar ao plano de requalificação urbana pensado para a comunidade, com ações voltadas para o saneamento, calçamento, construção de áreas de lazer, trabalho de paisagismo, trabalho nas fachadas das residências, entre outros.

Associando com os resultados que serão obtidos no estudo do desenho urbano, é pensada a possibilidade que a primeira ação do projeto de requalificação esteja seja voltada para a implantação do saneamento básico, já que esta é uma das principais necessidades do local, seguindo de calçamento das ruas e construção de áreas de lazer para a população. No local há apenas uma única área aberta, esta apresentando um piso de cimento, sem possuir equipamentos e estrutura adequada para a realização das atividades, como também não se mostra atrativa para o uso de crianças nem adultos. Além da parte de favorecer um ambiente de lazer adequado, também é objetivo do projeto realizar um trabalho de paisagismo, pois é difícil encontrar vegetação na área. E por fim, um trabalho nas fachadas das residências, trazendo mais cor e mais vida para a comunidade que tem tudo para ser um exemplo de desenvolvimento e mudança.

A metodologia de estudo do desenho urbano adotada, compreende no total quatro tipos de análises que buscam fazer uma leitura da paisagem urbana, sendo elas, Análise da Morfologia Urbana, Percepção Ambiental, Análise Visual, e por fim, Análise do Comportamento Ambiental. A Análise da Morfologia Urbana se caracteriza por apreender as características físicas do local, pois para atuar em uma área é preciso primeiramente saber ler o espaço, identificando as suas formas construídas, os vazios, seus usos e desusos, compreendendo também a realidade sócio-cultural. Para esta etapa são construídos mapas de estudo de campo, a partir da análise do perfil fundiário, malha viária, relação de espaço público x espaço privado, espaço construído x espaço não-construído, mapa de uso e ocupação, como também conhecendo as diferentes tipologias encontradas na comunidade. Através do mapa e gráficos criados sobre o uso e ocupação do local, é interessante poder identificar qual a relação entre residências unifamiliares, multifamiliares, comércio, serviço, edifícios institucionais, praças, entre outros; compreendendo quais são as áreas que mais se modificam para abrigar outras atividades, por exemplo, as sub-regiões criadas para comércio ou serviços.

Outra análise do desenho urbano, a Percepção Ambiental, busca compreender como e com que intensidade os moradores percebem a comunidade onde vivem, de que forma identificam as maiores necessidades do território, já que as necessidades de um espaço urbano não são universais, elas dependem de cada grupo, cultura e época. Nessa etapa são aplicados



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

questionários a uma amostra da população, e estudados os mapas mentais e percursos desenhados pelos próprios entrevistados, tanto crianças como adultos, objetivando analisar qual a imagem mental que o habitante tem da sua comunidade.

Intencionando identificar as sensações e necessidades vivenciadas em dois trajetos da comunidade, estes com distintos aspectos de configuração espacial, a Análise Visual procura perceber, a partir do registro sequencial de fotos em cada percurso, como se dá a vitalidade desses locais, e quais são os elementos que caracterizam personalidade, individualização e unidade. Esta análise é caracterizada pela subjetividade, pois depende da capacidade de interpretação e de visualização do observador, portanto permeada pelo seu próprio sistema de valores.

E por fim, como última análise do estudo do desenho urbano, a Análise do Comportamento Ambiental estuda como se configura o uso de um espaço muito utilizado na comunidade, como por exemplo, uma praça ou um espaço de prática de esportes, para assim identificar quais são as atividades realizadas no local, quem são os usuários, e também os locais de permanência, e os percursos mais realizados. Analisar a qualidade e como se dá a apropriação do espaço, é fundamental para que no projeto de requalificação, seja projetada uma melhor área de interação social, com variedade de perfil de usuários, e que abrigue adequadamente todas as atividades que serão realizadas no local, e sugerindo também outras, e construindo percursos que facilitem a utilização dos espaços pelos usuários.

É através desse olhar, que se elabora um projeto que se ajusta às necessidades daquela comunidade especificamente, e não replicar um projeto padrão em qualquer lugar, querendo que seja o usuário que se adeque ao que se foi construído. Sabemos que há uma relação entre a qualidade física de um espaço público com o seu volume e caráter de vida, por isso há a preocupação em propor bons locais, para que estes sejam dinâmicos e proporcionem um caráter de pertencimento aos seus usuários.

Na comunidade do Timbó, o estudo do desenho urbano teve que ser iniciado com a Análise Ambiental, pois para a Morfologia Urbana se faz necessário possuir o mapa de todo o território, porém como ainda não foi possível obtê-lo, a aplicação dos questionários foi iniciada para não atrasar o andamento do estudo. Cento e cinquenta questionários foram aplicados na comunidade, o mesmo foi criado pelo grupo de acompanhamento do Timbó contando com algumas contribuições dos nossos parceiros. O questionário apresenta vinte e quatro questões que abrangem assuntos como instrução educacional, emprego, perfil familiar, carências e potencialidades do local, Economia Solidária, geração de renda, entre outros. Após esse primeiro momento, o próximo passo para completar a Análise Ambiental, é iniciar a aplicação do método de criação dos mapas mentais, para no fim ser realizado o levantamento de todas as respostas obtidas através dos questionários respondidos, e assim, iniciar a construção dos gráficos percentuais.

De início, o estudo para requalificação urbana na comunidade, já se defrontou com algumas dificuldades durante a etapa de aplicação dos questionários, como por exemplo, por ser época de campanha política, mesmo sendo informado que se tratava de um estudo da universidade para propor melhorias para a área, uma parcela dos moradores entrevistados acreditava que fosse uma pesquisa de compra de voto em nome de algum político, e que nenhuma modificação na comunidade aconteceria quando passasse o período eleitoral.



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

A descrença por parte da população em relação à obtenção de melhores condições para o local é quase que generalizada, a grande maioria se mostrava desacreditada em mudanças no território. Devido à falta de investimento do governo no local, muitos citaram como sendo essa a justificativa pela falta de engajamento dos moradores na luta para conseguir mudar a situação do local. Por outro lado, outros moradores depositaram grandes expectativas no projeto, visualizando o estudo como forma de mudança no desenvolvimento da comunidade e criação de melhores oportunidades para os moradores.

Para a aplicação dos questionários, outra dificuldade encontrada era a forma de adentrar na comunidade, por isso, como indicado pelos próprios moradores, foram evitados os becos, sendo muitos desses considerados áreas perigosas, como também a pesquisa sempre era realizada durante manhãs ou tardes, evitando o turno noturno. Por isso foi interessante a parceria com os jovens do grupo produtivo no acompanhamento do estudo, pois desta forma era obtido um melhor direcionamento para aplicação da metodologia nas áreas mais adequadas, como também na obtenção de uma maior aceitação por parte dos moradores quando visualizavam jovens da comunidade engajados na pesquisa.

Depois de coletados todos os dados e realizadas as análises, conseqüentemente será obtida uma melhor apreensão do espaço e das atividades realizadas, e esta percepção gerada será utilizada para contribuir na formulação da proposta urbanística para o território. É importante frisar que todo esse processo contará com a participação ativa da comunidade, ou seja, que os estudos e diagnósticos servirão como subsídios para a tomada de decisão pela comunidade dos rumos a serem dados para o desenvolvimento do local.

7 Resultados

Ainda são muito incipientes, porém satisfatórios, os resultados obtidos pelo projeto nesse território, já que inicialmente foi necessário um período maior de articulação com a comunidade e os participantes do grupo produtivo, fazendo o conhecimento das atividades e do funcionamento do grupo, e contribuindo na constituição do empreendimento fundamentado numa outra economia muito mais igualitária, pautada na autogestão. Diferentemente das condições de trabalho iniciais, atualmente o próprio grupo já faz o gerenciamento dos dados, havendo um controle da produção, tanto sobre o que é produzido mensalmente, como também o controle de todas as compras e gastos realizados. Também o acompanhamento do químico na produção dos materiais de limpeza que já trouxe resultados, através de modificações na composição do produto, ensinando ao próprio grupo a fazer alguns compostos que antes necessitavam serem comprados já prontos, ajudando a reduzir os custos da produção. Outro fator importante foi a utilização dos equipamentos de proteção individual, que antes não eram utilizados durante a produção dos materiais de limpeza. Foi discutido com o grupo a importância de se fazer o uso desses equipamentos pelos associados envolvidos em cada produção, que passaram a utilizá-los.

É esperado que até o mês de dezembro do ano corrente, a incubadora já tenha obtido mais resultados do plano de ação traçado para a comunidade, contribuindo no fortalecimento do grupo produtivo e potencializado o grupo de dança, dando seqüência às etapas seguintes do plano. Como também há perspectiva de já terem sido finalizadas todas as análises do desenho urbano, apresentando todos os mapas de análises, gráficos percentuais, e as informações necessárias para utilização na elaboração do projeto de requalificação da área. Após a pesquisa ser finalizada, sendo apreendidas todas as quatro análises da metodologia, vai ser



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

iniciada uma etapa de apresentação da pesquisa detalhada para órgãos e instituições que possam entrar como parceiros no projeto de requalificação. A intenção é que esse novo pensamento, de ação de requalificação da incubadora nas comunidades, possa, através da pesquisa na comunidade do Timbó, servir como metodologia de aplicação para os outros territórios acompanhados pelo projeto.

8 Conclusões

Como se depreende, os resultados da extensão vão além do espaço acadêmico e, encontram a sociedade, a partir do acompanhamento junto a empreendimentos em que se trabalha com uma economia muito mais solidária, e autogestionária. Através da incubação territorial, a INCUBES passa a construir no desenvolvimento de cada comunidade de atuação, uma nova metodologia para requalificação da comunidade do Timbó, intencionando ser aplicada, posteriormente, nos demais territórios acompanhados pela incubadora, construindo um modelo próprio de trabalho, porém seguindo as necessidades e potencialidades pertencentes de cada território. Com isso mostramos a importância do trabalho da extensão que buscar o desenvolvimento territorial nas comunidades em que estão inseridos os empreendimentos econômicos solidários, abrangendo ações de resgate da auto-estima, fortalecimento familiar, organização dos grupos comunitários, ampliação da organização e conscientização política e cidadã, enquanto condições para a autonomia e emancipação social e coletiva na perspectiva da Economia Solidária.

Mais especificamente na comunidade do Timbó, percebe-se a atuação do projeto como não só elemento de instrução e formação para o grupo, mas também de ampliação para a realização de outras atividades que possam ser realizadas com a comunidade, sendo ponto de dinamismo e atraindo jovens para ações de crescimento pessoal e profissional. Entrando no campo da requalificação urbana, o projeto estará traçando uma metodologia própria de intervenção nas comunidades nesse aspecto, utilizando das análises do desenho urbano para no fim poder estar elaborando uma proposta de requalificação da área seguindo toda a análise realizada na comunidade, para alcançar os melhores resultados e superar as expectativas.

Daí a importância do trabalho realizado na comunidade do Timbó, como forma de agregar desenvolvimento ao local pautado na Economia Solidária, e a ainda podendo ser modelo de aplicação a outras áreas de crescimento. Mesmo seguindo um planejamento de atividades específico para este território de estudo, no Timbó ainda há muito trabalho a ser feito, especialmente com a participação do agente principal disso tudo, a comunidade, pois é fundamental a interação da população e dos agentes locais na construção de cada etapa em prol desse desenvolvimento. A comunidade mesmo carente de investimentos, se apresenta como um território que tem muito a se desenvolver, e apresenta grandes potencialidades e possibilidades de crescimento e mudança.

9 Referências Bibliográficas

- GAIGER, L. I. *A Economia Solidária diante do modo de produção capitalista*. Caderno CRH. Salvador, 2003.
- LEITE, M. L. S.; ALVES, V. G. *A incubação em Economia Solidária e as dificuldades do papel de mediação entre Empreendimentos e Poder Público: uma experiência o Cariri Cearense*. V ENAPEGS. Santa Catarina, 2011.
- MANCE, E. A. *A Consistência das Redes Solidárias*. Curitiba, 2006.
- ROSA, E. P. *A administração de empreendimentos de Economia Solidária comparada a de empresas capitalistas*. Porto Alegre, 2009.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

SARDÁ, M.; NOVAES, H. T. *O sentido histórico da autogestão - Gestão pública e Sociedad* .Vol. 2: Outras expressões, 2012.

SOARES, C. L. R. *As margens da pobreza. Caracterizando áreas de pobreza da cidade de João Pessoa, o caso do Timbó*. VIII Conhecimento em Debate. Paraíba, 2008.

SUASSUNA, M. *Proposta de requalificação urbana para o bairro São José, João Pessoa, Paraíba, Brasil*. Vitruvius, 2006. Disponível em: <http://www.arqbrasil.com.br/_urb/marco_suassuna/bairroSJOSE/desc_marcosuassuna.pdf>. Acesso em: 19 de junho 2012.

SUASSUNA, M. *Segregação sócio-espacial e desenho urbano em assentamentos espontâneos: o caso do bairro São José em João Pessoa PB*. Vitruvius, 2006. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.072/356>>. Acesso em: 19 de junho 2012.